

CALÇADAS: TRAMAS QUE MATERIALIZAM DESEJOS INCONSCIENTES E POLÍTICOS NAS CIDADES

Olimpia Maluf-Souza¹

Quando preparava esta pequena fala para vocês, era cedo pela manhã. Podia ver Baltimore pela janela, e era um momento muito interessante porque ainda não era dia e um sinal luminoso me indicava a cada minuto a mudança do tempo; [...] tudo que podia ver, [...] era o resultado de pensamentos, [...] nos quais a função desempenhada pelos sujeitos não era completamente óbvia. Em qualquer caso, o dito Dasein, como definição do sujeito, se encontrava lá preferencialmente nesse espectador intermitente ou em desvanecimento. A melhor imagem para resumir o inconsciente é Baltimore, ao amanhecer.

(LACAN, 1966, p. 175)²

Para esta mesa, trazemos a questão das calçadas analisando o seu funcionamento por uma perspectiva psicanalítico-discursiva. Assim, tomamos as calçadas e os sujeitos que nelas circulam como o *Dasein*³, ou seja, como um sujeito que está lá como um espectador intermitente e em desvanecimento, pois a questão que Lacan toca no discurso de Baltimore diz da natureza do inconsciente que é, em suma, algo que sempre pensa, mas, que não pensa de maneira óbvia, direta, linear, pois, apesar de ser um pensamento com palavras, escapa à vigilância, ao estado de alerta do indivíduo. O sujeito do inconsciente é, então, *isso* que escapa, é um objeto perdido, é o desejo, que passa a ser buscado, exatamente pelo que se perdeu, para que o sujeito do inconsciente se irrompa na cadeia significante.

A questão do desejo se coloca, dessa maneira, como esse sujeito desvanecido, que anseia fazer o retorno para uma espécie de encontro com essa

¹ Doutora em Linguística. Professora do curso de Letras e do Programa de Pós-graduação em Linguística da UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso.

² Em 1966, na cidade portuária de Baltimore Lacan enunciou que “o inconsciente é Baltimore ao amanhecer”. Disponível em <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1327/1423>. Acesso em 15/05/2015.

³ Em alemão, a palavra *Dasein* significa *ser-aí* e expressa o imediatismo e o inevitável, característicos da condição humana. Heidegger ressignificou a palavra como *ser-no-mundo*, marcando distinção entre *ser* – no sentido de coexistência e interdependência – e *estar* – no de não permanência, de passagem.

coisa milagrosa definida pelo fantasma, o objeto. Desse modo, para a Psicanálise, que se funda sobre a busca incessante desse objeto peculiar, o sujeito é a estrutura que suporta o fantasma (o desejo), que se constitui como a metonímia de toda a significação.

Trabalhar nesta visada teórica é tomar as calçadas enquanto objetos simbólicos que (des)territorializam e (des)limitam a realidade das cidades – o que na calçada é da ordem do público e do privado, por exemplo –, fazendo escapar o seu real – o que na calçada, por sua condição simbólica, se materializa e se esconde dos sujeitos e dos sentidos que nela circulam. Trata-se de uma ordem de real fundada exatamente pela noção de emaranhamento dos espaços que constituem as calçadas. Carros, pedestres, pedintes, lojas: eis os componentes de um cenário cuja segmentação, instrumentalização, não se conforma pelo efeito da divisão dos sentidos – público e privado –, produzido pelo jurídico.

Considerando que o inconsciente é tomado por Lacan como sendo da ordem de um real, um simbólico e um imaginário⁴, o autor, no *Seminário 6*, questiona a função imaginária a partir das duas cadeias do discurso: “Que forma toma [...] a função imaginária, na medida em que está enganchada, em que atrai, as duas cadeias do discurso, a cadeia reprimida e a cadeia patente, manifesta?”.

Tomamos, então, a questão de Lacan para pensarmos o nosso objeto de análise: o que a função imaginária sobre as calçadas mostra e esconde dos sujeitos e dos seus desejos inconscientes? As calçadas são mais que simples representações dos espaços possíveis de circulação do sujeito pedestre na cidade, pois elas materializam-se como espaço do império e do resto urbano, instalando sintomas que marcam os (des)territórios da estética urbana nas cidades. Nessa direção, as calçadas são margens, são bordas que carregam nelas mesmas os sentidos de uma estética de urbanização, que, instituindo-se como um sintoma do urbano/da urbanidade, ditam ao sujeito funcionamentos que são determinados pelo

⁴ De acordo com Elia (2004), desejo e sujeito são constituídos por três ordens (RSI): a de *Real* (que se dá no plano da causa), a de *Simbólico* (que produz a articulação do inconsciente em linguagem) e a de *Imaginário* (que faz com que o desejo e o sujeito se realizem em objetos substitutivos da realidade).

Outro. Assim, há nas calçadas algo que é da ordem do inconsciente, portanto, algo que foi fundamentalmente perdido, o *objeto a* de que fala Lacan.

Laurent (2007), ao dizer da cidade, propõe um retorno ao inconsciente e ao objeto a, enquanto elementos essenciais de operacionalização da realidade pelo sujeito, ou seja, é a ordem da realidade psíquica que faz instituir, no funcionamento simbólico das calçadas propriamente, as noções de território, que se instalam como um espaço que é ocupado pelo sujeito, através de objetos imaginários substitutivos, que se instituem pelo real e pelo simbólico do inconsciente.

O autor explica (*idem*, p. 93), então, o que possibilita que Lacan (1966), no *Discurso de Baltimore*, atrele “[...] o inconsciente a um lugar [...] estruturado como uma cidade e indissociável de uma indicação temporal”, não com uma ideia de tempo sucessivo, mas, na de tempos superpostos simultaneamente e articulados pela estrutura da linguagem. Assim, o autor dá visibilidade ao quanto a cidade é um dispositivo estrutural que se coloca como um lugar possível de leitura do texto do inconsciente, tanto como uma repetição, que se extrai como pensamento, em potência ou em ato:

O sujeito do inconsciente está em todos os lugares e não se prende a nenhum deles. Está na própria pulsação do significante, tecendo o tecido da repetição. [...] O sujeito é um ‘objeto perdido’ no próprio movimento de êxtase, mas é também completado por esta perda (LAURENT, 2007, p. 107).

Desse movimento, Lacan destaca duas oposições: 1) a primeira a partir do significante, ora tomado como semblante, ora como vazio escavado pela escrita; 2) e, segunda, a partir da letra, que, segundo Laurent (2007, p. 109), “[...] opõe duas dimensões, dois regimes, dois registros do dizer: o significante e o escrito, que pode preservar um laço com aquele ou perdê-lo. Eles se sustentam juntos por meio do discurso”.

Esse funcionamento pode ser dado nas calçadas de cidades, que, pela imposição do mercado, tornam-se o caminho de casa para o trabalho, enfim, torna os espaços urbanos como obstáculos a ser transpostos, assim, as calçadas são estorvos e não espaço de convivência, de descanso e de criação de laços sociais. A cidade não é ou não é mais uma cidade “de estar” ou “de ficar”, pois a relação que o

mercado ditou para ela é utilitarista. Nessa direção, a calçada é também um estorvo, um lugar a ser transposto, com a exigência e a rapidez que o mundo do trabalho determina.

Toledo (*apud* TANIS & KHOURI, 2009, p. 76) toma a constituição histórica de São Paulo para explicar a relação da cidade com os seus rios, a partir dessa relação podemos afirmar que em Cáceres-MT as calçadas são “[...] espaços como caminhos, e os caminhos como empecilhos e estorvos a serem vencidos entre dois pontos”. Nesse sentido, afirmamos as calçadas como sendo incompatíveis com os laços simbólicos, uma vez que estes se fraturam tanto na sua construção quanto na sua sustentação.

Vemos, no entanto, que as cidades e as calçadas que as constituem instalam-se como mundos insuspeitos, mundos naturalizados, cristalizados, mas é por uma visada psicanalítico-discursiva que podemos escutá-las como “semblante ou como vazio escavado pela escrita”, pela letra do/no inconsciente.

Nas nossas relações cotidianas com as calçadas, acabamos por ter delas a dimensão, mas a totalidade nos escapa, pois somos levados a tomá-las dentro de um desenho circunscrito pelos caminhos que habitualmente fazemos e pelos cenários urbanos que a mídia e os instrumentos jurídicos constituem delas. Esses espaços são, pois, espaços de reconhecimento, de memória, de história. No entanto, a cidade é um intrincado de caminhos, de capilaridades complexas, de avenidas, de ruas, de vielas, de calçadas. A escolha pelos mesmos caminhos, pelas mesmas calçadas, vai, gradativamente, nos alienando delas, pois, suas imagens vão se tornando saturadas, excessivamente familiares, alheando nossos sentidos, que passam a olhá-las, mas não a vê-las. Assim, ensimesmamo-nos, encapsulamo-nos narcisicamente, de forma que qualquer novo empecilho pelo caminho nos transtorna, nos irrita, nos desestabiliza, pois, enquanto sujeitos no mundo, carecemos da completude, da organização, da estabilização. Nas cidades e, conseqüentemente, nas calçadas o estorvo é o (O)outro, pois os modos como nos subjetivamos nelas não escapam à Lei e à Cultura.

Nesse paradoxo entre o subjetivo e o político, entre o inconsciente e a ideologia, o que se coloca é algo da latência e algo de manifesto, algo de situacional

e de constitutivo. São modos de escuta que implicam em tomar em conta o político, mas também e principalmente o subjetivo, pois são os desejos inconscientes do sujeito que se instalam como modos de articulação e de engendramento das calçadas.

Tornar presente na calçada a dimensão arqueológica do saber psicanalítico é colocar, então, em questão “[...] mapas de territórios desconhecidos, sepultos e esquecidos” (TANIS & KHOURI, 2009, p. 13), pois, na evidência, o que temos dela é o que Brissac (2007, p. 169) utiliza para definir o espaço urbano:

[...] o espaço [é] demarcado por monumentos, radiais ou fronteiras implica visão de longe, distâncias invariáveis, perspectiva central. Nesses novos territórios, porém, não se tem mais referências. Apenas uma variação contínua de orientações, ligadas à observação em movimento. O espaço não é visual: não há horizonte, nem perspectiva, nem limite, contorno ou centro. Estamos sempre no seu interior, no meio.

Mas, a noção de espaço urbano, posta pelo autor – como algo para o qual não há referências, em que não há horizonte, perspectiva, limite, contorno ou centro, esse espaço que é desconhecido, que é estrangeiro para nós mesmos⁵, mas que nos habita, uma vez que está no nosso interior e no meio de nós –, só pode dizer do inconsciente, pois nossa relação com o espaço e com o (O)utro é conflitiva, uma vez que é marcada narcisicamente. Eis, pois, a ordem de “real do urbano”.

Assim, estar no espaço da cidade é colocar-se na mirada do inconsciente, que torna tudo ambivalente, que faz com que o sujeito experimente paradoxalmente o fascínio, a surpresa, a descoberta, de um lado, e, de outro, o desprezo, a recusa, o medo ou a defensiva indiferença. Desse modo, o autor, ao dizer do tecido urbano da cidade, diz também do inconsciente e do sujeito que nele habita, pois

[...] As cidades não permitem mais que as pessoas tenham em sua imaginação uma localização correta e contínua do tecido urbano. A experiência fenomenológica⁶ do sujeito individual não coincide mais com o

⁵ A referência é feita à Kristeva (1994) que afirma que há no sujeito um estrangeiro que o habita. Do ponto de vista psicanalítico, a presença estranhamente familiar desse Outro que habita e que constitui o sujeito, cria uma fenda, uma hiância, um duplo na face da identidade. Assim, o sujeito transita incessantemente entre o eu e o O(o)utro.

⁶ A questão da unidade, em se tratando do sujeito do inconsciente, é complexa, pois o sujeito psicanalítico não é uma totalidade em si. Dai o autor se referir à *experiencia fenomenológica do*

lugar onde ela se dá. Essas coordenadas estruturais não são mais acessíveis à experiência imediata do vivido e em geral nem conceituada pelas pessoas (*idem*, p. 172).

Podemos dizer, então, que o mesmo colapso na experiência urbana, vivida pelo sujeito individual, dá-se também na experiência psicanalítica, pois em ambas as experiências encarnam a mesma dificuldade: a do reconhecimento de si, pelo sujeito do inconsciente.

Os paradoxos urbanos se tematizam pelo isolamento em contraposição à exacerbação coletiva, pela proximidade física e pela distância social, pela aceleração do tempo em oposição à morosidade do trânsito, pela diversidade e a multiplicidade de espaços em contraponto com os exíguos espaços residenciais, pela violência e o medo e os movimentos de clausura que daí decorrem.

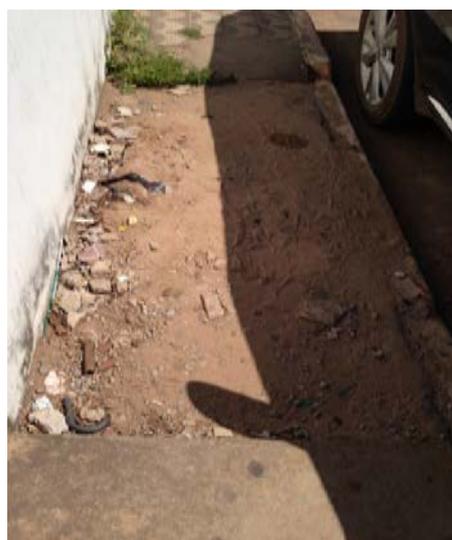
A cidade se institui, então, como o espaço complexo de fronteiras que (des)marcam, de um lado, as potências das novas configurações urbanas e, de outro, a fragilidade que esse contexto produz. Ou seja, são sentidos ambivalentes que produzem, como efeito, a contínua necessidade de pertencer ao espaço e a sensação de que este pertencimento está constantemente ameaçado. Nessa direção, as calçadas se instituem como rastros de metáforas, como objetos metonímicos, substitutivos dos desejos, como espaços de plenos e de vazios, como esboços e como traçados, como pontos obscuros, que materializam o inconsciente dos sujeitos.

Almeida (*apud* TANIS & KHOURI, 2009) afirma que o excesso na experiência contemporânea resulta em uma impossibilidade de ancoramento da subjetividade, restando ao sujeito uma repetição que não o remete à dimensão do seu desejo inconsciente, mas à dimensão traumática do excesso. Contudo, nos perguntamos: o que é a dimensão traumática do excesso senão o próprio inconsciente e os desejos insidiosos que o constituem? Pela compreensão de Rocabert (*apud* TANIS & KHOURI, 2009), afirmamos que as calçadas formulam-se a partir de uma ampla gama de transtornos narcísicos, psicossomáticos e compulsivos, que se traduzem

sujeito individual, uma vez que, pelo movimento fenomenológico, o sujeito é tomado na forma de uma unidade intencional.

como manifestações de uma guerra, instalada cotidianamente em torno da questão da territorialidade, ou seja, como modos de estetização de um sintoma.

Em Cáceres-MT, o que era para ser da ordem da estetização, torna-se modos de interdição, também funcionando como sintoma.



Fonte: Arquivo de Patrícia Aparecida da Silva (Fotografias de 12/04/2015)

A calçada é um corpo faltoso na cidade, pois funciona como modos de interdição, de estorvo, de tropeços para o sujeito. Assim posto, a calçada é território, e território é o espaço no qual se exerce o *terror*, desse modo, o território é espaço de demarcação, de dominação, de competência.

Bauman (2003, p. 104) afirma que “[...] na figura do estranho (não simplesmente o ‘pouco familiar’, mas o *alien*, o que está ‘fora de lugar’), o medo da incerteza, fundado na experiência da vida, encontra a largamente procurada, e bem vinda, corporificação”. A calçada como corpo é, então, um sintoma de valor incômodo, pois, conforme afirma Arendt (2000, p. 59),

[...] não [se] consegue alcançar existência se não ocupar um lugar, se não fizer parte de uma história, de uma casa, de uma família, uma cidade, uma cultura. A condição humana [...] só se define se pertencermos a um mundo compartilhado por outros homens.

Contudo, não há impossível que ordene a experiência humana quando tudo é excesso, pois ao gravitar em torno do excesso o sujeito não se ancora em lugar

nenhum, em nada, assim, ao buscar uma inscrição no mundo, o sujeito resvala e só lhe resta a repetição como medida. Toda a questão restringe-se, então, ao fato de não se saber como dar hospitalidade ao estranho que nos habita e que nos visita insidiosamente.

Calvino (1991, p. 79) apresenta um diálogo que se desenrola entre Marco Polo e Kublai Khan, após Marco Polo descrever uma ponte pedra por pedra:

- Mas qual é a pedra que sustenta a ponte? – Pergunta Kublai Khan.
- A ponte não é sustentada por esta ou aquela pedra – responde Marco Polo – mas, pela curva do arco que estas formam.
- Kublai Khan permanece em silêncio, refletindo. Depois acrescenta:
- Por que falar das pedras? Só o arco interessa.
- Polo responde:
- Sem pedras o arco não existe.

Esse Outro que nos habita e que insistentemente nos visita coloca-nos diante de um dado vazio que é a (im)possibilidade de toda e qualquer construção. Trata-se, segundo Du Pin e Almeida (*apud* TANIS & KHOURI, 2009, p. 228-229), do

[...] vazio-cheio [em oposição ao vazio-vazio] [...]. O vazio-cheio é esvaziado, pois está repleto de demandas e desejos, está atolado de exigências e reivindicações em falta. O vazio-vazio está sempre aberto, desprovido de coisas e conteúdos, isento de solicitações e de expectativas. Existir consiste em reunir numa unidade dinâmica esses dois vazios.

Essa metáfora dos dois vazios faz com que o vazio-cheio seja aplicado a um novo campo, que, sendo usado no lugar de algo, o substitui, dando-lhe um novo nome.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2000.
- BAUMAN, Zigmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- CALVINO, Ítalo. *Cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

ELIA, Luciano. *O conceito de sujeito*. Coleção Psicanálise passo-a-passo, 50. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Trad. Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco Editora, 1994.

LACAN, Jacques. *O discurso de Baltimore*, 1966, p.175.

LAURENT, Éric. “Cidades analíticas”. In *A sociedade do sintoma – a psicanálise, hoje*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria Ltda, 2007.

TANIS, Bernardo; KHOURI, Magda Guimarães. *A Psicanálise nas tramas da cidade*. São Paulo: Casa do psicólogo, 2009.